

# O espaço e o feminino como símbolos de Nação ideal em *La negra Rosalía* de Justo Abel Rosales

SPACE AND THE FEMININE AS SYMBOLS OF THE IDEAL NATION IN *LA  
NEGRA ROSALÍA* BY JUSTO ABEL ROSALES

*Alina Baldé*

Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal

<https://orcid.org/0000-0002-5842-4872>

[alina.isabel@gmail.com](mailto:alina.isabel@gmail.com)

Os processos de conformação das identidades nacionais no Chile, no século XIX, seguiram o modelo de tantos outros países, propondo o estabelecimento de um Estado-nação como forma primordial de ordenação social, através da criação de uma identidade única e irrevogável. Como explica Fernando Broncano, este modelo operou sob a necessidade de formalizar e universalizar um “nós” que se identificasse e regesse pelos mesmos princípios, normas e instituições. Para tal, forjou vínculos afetivos que conectavam cada indivíduo com o “nós” pré-estabelecido, resultando numa comunidade de partilha sobretudo emocional que, atuando com afiliação e lealdade, passou a reconhecer-se por determinados protótipos de pertença (Broncano 211-258).

Estes protótipos foram apresentados pelos Estados-nação como símbolos de verdadeira resistência: são as histórias, os mitos, a língua, a cultura ou a religião. Cuidadosamente selecionados por grupos dominantes – frequentemente definidos por um carácter étnico –, estes elementos

são elevados a categoria de realidade absoluta e assim conseguem, se não eliminar na sua totalidade, pelo menos esbater vestígios de heterogeneidade, que comprometem o objetivo de universalização do “nós”. Estes elementos nem sempre são imediatamente aceitos como autênticos, mas pela força coerciva ou persuasiva, estes grupos inicialmente heterogêneos tendem a renunciar a parte da sua própria identidade a favor das estruturas, regras e símbolos impostos, caminhando no sentido da inclusão e, enfim, da homogeneização (Cruz García).

De facto, embora pese a força motriz das lutas independentistas ter por base uma ideologia que ultrapassa a mera necessidade de uma autonomia dos territórios no que respeita às suas geografias, economias e políticas, estando já presente a crença basilar de que existem especificidades sociais, muitas vezes arreigadas à observação de um tecido diferenciado das matrizes originárias nos territórios colonizados, a necessidade de se construir uma identidade nacional parece intensificar-se a partir do momento em que as nações se tornam independentes. É certo, portanto, que estas construções identitárias estão profundamente relacionadas com o território, ou lugar, enquanto espaço cujas fronteiras encerram a memória coletiva de um povo.

No caso chileno, toma-se como data de referência 1818, ano determinante porque da conquista da independência do território. A partir de então, acentuam-se discussões sobre ideologias nacionalistas, conduzidas nos mais diversos ambientes e áreas. O período que circunda a data é particularmente prolífero para manifestações artísticas, como a pintura, a música ou a literatura, que se transformam em interessantes objetos de análise do tema. De facto, recuperando as leituras de Broncano, a cultura teve um papel determinante para a configuração das identidades, funcionando como “dispositivo diferenciador y legitimador por encima (o por debajo) de la lengua y el territorio que organiza los discursos justificadores de estos últimos” (Broncano 214).

Contribuindo maioritariamente com obra para o campo da historiografia, Justo Abel Rosales fez parte do grupo de intelectuais que discutiu estes temas. Atuando como um mediador cultural, na medida em que faz parte de um grupo de “figuras claves que permiten sistemáticamente poner de relieve conexiones y lazos históricos y, a veces, escudriñar las condiciones de su aparición”, como define Serge Gruzinski (28). No entanto, segundo Bernardita Eltit Concha, as suas propostas não foram

particularmente populares, tão pouco chegaram a ser integradas como narrativas oficiais, uma vez que Rosales propunha um nacionalismo de continuidade, menos disruptivo com o sistema colonial, por considerar aquele o berço de tradições e de costumes que deveriam ser assimilados pela nova sociedade; contrariamente a Rosales, o pensamento hegemónico reclamava uma total ruptura com o passado, recusando uma herança cultural espanhola, que considerava particularmente conservadora (Eltit Concha 26-27). Esta certa incompreensão pelos seus pares torna Rosales uma figura de particular interesse, porque se antevê nesta rejeição propostas disruptivas que, aos dias de hoje, interessam recuperar.

Acresce que, no conjunto de obras que deixou, as duas últimas publicações se distinguem pelo facto de, ainda que mantenham uma evidente ligação ao discurso historiográfico, assumem uma componente ficcional, típica do discurso literário. Em termos de género, *Los amores del Diablo en Albué* (1895) e *La negra Rosalía o el club de los picarones* (1896) foram novelas distribuídas por folhetins e tanto podem ser classificadas como *tradiciones* ou novelas históricas, dependendo dos critérios que se considerem mais relevantes, mas partilham desse reclamar da veracidade dos acontecimentos narrados, que serve de “espinha dorsal” de um contexto narrativo ficcional (Eltit Concha 50-54).

Quando se afirma a existência de um discurso tendencialmente literário, parte-se da observação de que ambas as novelas têm especificidades que se exemplificam como a incorporação de elementos fantásticos ou a utilização de uma narratividade com recurso a elementos estilísticos ou estratégias menos caras à historiografia, como a incorporação de analepses. As obras não deixam, no entanto, de integrar fontes e histórias informais, costumes e tradições do foro da oralidade, maioritariamente recolhidos pelo autor, por testemunho. São, portanto, narrativas ficcionais intertextualmente pautadas por uma estrutura factual e documental, partindo o autor dessa tal verdade anterior ao texto. Como se afirma na advertência que abre *La negra Rosalía o el club de los picarones*: “Tradiciones i costumbres nacionales se contienen aquí diseminadas convenientemente, para dar a la narración todo el interés i la novedad que requiere el argumento del drama que le sirve de base” (Rosales, *La negra Rosalía* 4-5).

Com base nessa característica de utilizar uma estratégia discursiva em que apresenta tradições e costumes suportados por um argumento dramático construído literariamente, a novela *La negra Rosalía o el club*

*de los picarones*, divulgada já ao virar do século, pode-se interpretar como um texto que procura pensar a consolidação da identidade nacional chilena. A autoridade de Rosales é cimentada à partida, admitindo a pretensão de aportar novos elementos, até então desconhecidos, e que, segundo o autor, deveriam ser resgatados e considerados, para uma melhor conformação da identidade coletiva chilena. A forma como o artificializa parte da importância que o autor dá ao espaço. De facto, em toda a obra de Rosales, há uma particular preocupação com este elemento, seja nas suas narrativas ficcionais, seja naquelas que escreve com virtuosismo historiográfico: por exemplo, em *Los amores del diablo en Alhué*, o título adquire um impacto acrescido pela fixação do lugar narrativo, circunscrito e partilhado com o leitor, logo à partida; uma tradição que vem já de outras obras, como acontece em *La Cañadilla de Santiago, su historia i sus tradiciones* (1887) ou em *Historia i Tradiciones del Cementerio Jeneral de Santiago*.

Assim, o autor tende a investir nestas descrições espaciais, proporcionando o devido espaço discursivo aos territórios que receberão a ação. E, no caso de *La negra Rosalía o el club de los picarones*, a ter de se determinar um espaço principal, não obstante toda a contextualização histórica e urbanística da cidade, pode-se ancorá-lo à antiga casa de esquina, que merece a honra de destaque em título. Sobre a história deste espaço, o “club de los picarones”, sabe o leitor à partida que outrora foi lugar de Correios, isto é, um lugar de instituição onde se podia receber novidades, “conforme a la usanza europea” (Rosales, *La negra Rosalía* 12). Também costumava ser frequentado pela sociedade de “bom tom”, por ter sido da propriedade de doctor Urizar, homem de distinta família, que lhe deu uso de ponto de correio.

Contudo, não obstante esta distinção, no momento em que integra a narrativa, é um lugar onde se acomoda, simbolicamente, uma comunidade de variadas origens, constituída pelas diferentes personagens que pautam a narrativa. De facto, a limitação do espaço de ação –existem outros lugares que enquadram a narrativa, mas de somenos importância– induz um sentimento de agrupamento humano, logo, de comunidade. Contudo, não bastaria a limitação para forjar esta unidade espaço e, por isso, atraídos pelos *picarones* e pelo ponche, especialidades gastronómicas de Rosalía, constroem-se pontos de semelhança e dissemelhança, que permitem fortalecer este sentimento afetivo de unidade.

A ideia do clube como espaço comunitário acentua-se se considerarmos o período em que a casa “quedó silenciosa por muerte de sus dueños (...) hasta que fué ocupada” (Rosales, *La negra Rosalía* 15). Denota-se uma transição lexical que estava arreigada, desde o início da narrativa, à ideia de propriedade, para uma ideia mais comunitária, pelo uso do léxico “ocupação” de um espaço, como se este fosse, de facto, devolvido à comunidade. Acentua esta desconexão os resquícios de nobreza arquitetónica que permanecem no edifício, agora em “esquina de pobre aparência”, como a existência de um “mojinete”. Parece, como se observa, tendência a sobreposição —ou resgate— da natureza sobre os elementos que podem ser percebidos como símbolos civilizacionais:

Aun quedan en Santiago muestras de esos mojinetes o triángulos que se levantaban encima de las puertas de calle, coronadas de tejas que después de algunos años se cubrían de abundante pasto. Casas ha habido en que los tejados se han convertido en postreros en donde han solido pastar alegres cabros i hasta gallinas con sus gallos consortes (Rosales, *La negra Rosalía*, 23).

Deste modo, a dinâmica do espaço não segue uma estratégia segregadora, até porque se reforça, em diferentes pontos da narrativa, que o clube era um lugar aberto a todos os membros da sociedade, bem como a todas as ideias políticas. É, alegoricamente, o território onde se pensará o ideal de nação, e interpretando-se deste modo, pode inferir-se que, apesar de propor um nacionalismo de continuidade, não é a lógica excessivamente socialmente estratificada do sistema colonial que Rosales louva, e, se prefere uma certa homogeneização do espaço imaterial que é a nação, nela terão de caber diferentes elementos representativos de um passado histórico.

Por outro lado, esta delimitação do espaço que alberga a ação funciona irremediavelmente como uma espécie de fronteira: um espaço contido, no qual não se pode escapar à conversação, na medida em que, apesar de atraídos pela guloseima tradicional ou pelo ponche da casa, o clube não é um simples lugar de passagem, onde se consomem estes bens. É antes espaço de permanência, onde clientes anónimos convivem por longas horas, porventura atraídos pelo ambiente onde “se hablaba i charlaba libremente” (Rosales, *La negra Rosalía* 35). Porém, além de albergar a massa anónima, é também lugar formal de reunião para personagens

históricas, no caso, homens da fação conservadora, como don Diego Portales ou general Prieto, que ali conspiram para derrubar o governo chileno, então nas mãos dos liberais.

Nesse campo, Rosalía e don Pedrito, enquanto organizadores do espaço, assumem uma postura neutra, salvaguardando, até onde lhes é permitido, a liberdade política do clube. Por esse motivo também cabem no espaço grupos representantes –porque defensores– do governo atual. É nesta coexistência de pontos de vista diferentes que o clube adquire um significado particular e, acrescentando-se à análise a sua localização estratégica, na medida em que a esquina é local privilegiado de divergências, mas também de confluências, por artifício literário, transforma-se num importante símbolo identitário no espaço narrativo –é, uma vez mais, um ideal de nação–.

Assumindo esta linha de leitura, o que se pode considerar como elemento mais fraturante é o facto de Rosales colocar como líder daquele espaço uma mulher, e o tom desafiante da proposta aumenta o grau se se tiver em consideração que a mulher que o lidera é negra. De facto, o carácter disruptivo encontra-se, em primeiro lugar, na observação de, não obstante existirem mulheres na narrativa (e, aliás, ser de uma mulher a honra de constar num dos elementos paratextuais mais importantes, o título), o clube em si ter um ambiente acentuadamente masculino: a discussão política conduzida na e pela narrativa, por si só, arreiga-o a esta condição, porquanto, à época, era quase da sua exclusividade –não existiam mulheres representantes políticas–; acresce que esta discussão política será resolvida através de lutas, e o belicismo também se cimenta num ambiente preponderantemente masculino.

Assim, além de Rosalía, apenas Jacoba (sua irmã) é integrada no texto e com uma linha completamente paralela à ação principal –a sua história de amor pelo *gringo* Pepe não a influencia ou move–. Não é verdade, no entanto, que as mulheres sejam proibidas ao espaço, porque a sua frequência é revelada ao leitor –“Los picarones eran el plato favorito de las mujeres. Los soldados bebían largo i hablaban récio” (Rosales, *La negra Rosalía* 52)– mas surgem, quase sempre, na forma de personagem coletiva, destituídas de nome ou traços físicos que as identifiquem.

Esta liderança feminina também surge, numa microescala, na relação que se estabelece entre Rosalía e o seu marido, don Pedro Olivos, cuja masculinidade é iterativamente colocada em causa, aportando um elemento

cómico ao texto através da subversão dos papéis esperados. Acontece, por exemplo, logo na atribuição do diminutivo, don Pedrito, nome pelo qual será tratado ao longo de toda a narrativa. Justifica-se pela fraca compleição física, sendo o homem muito magro e extraordinariamente pequeno (por este motivo, também era conhecido por *muñequito*); mas também por uma natureza comportamental, apresentando-se como alguém fácil de enganar e pouco corajoso, necessitando de se esconder atrás ou debaixo das saias de Rosalía, e com uma calma excessiva que, mais do que um carácter paciente, é revelador de uma certa tolice ou ingenuidade, merecedora, portanto, do diminutivo (Rosales, *La negra Rosalía* 29-31). Pelo contrário, Rosalía é fisicamente robusta e, de carácter, revela-se engenhosa, inteligente e difícil de enganar (ou manobrar, como um *muñequito*), o que revoluciona os típicos papéis de género instituídos à época.

No que respeita às questões de nome, ao contrário da personagens mais nobres, Rosalía é destituída de sobrenome até que vá adiantada a narrativa. É notória a angústia do narrador com a dificuldade em precisar a linhagem familiar de mulher, considerando que se revela, desde os primeiros capítulos do texto, a importância extrema dada às origens (por exemplo, para se descrever a *calle* de Santo Domingo de Santiago, o narrador parte do ano de 1557, ano em que os primeiros padres daquela ordem que chegaram ao Chile). O zelo da determinação de um ponto de partida prende-se com o facto de este funcionar como uma espécie de centro gravitacional, até mesmo no que respeita à configuração da cidade, que cresceu a partir do seu centro –uma igreja–.

A consciência da origem é essencial para as ideologias nacionalistas, porque se cimentam numa narrativa semelhante à mítica que, por sua vez, exige uma âncora ao “princípio de todas as coisas”. Da forma como a propõe Rosales, essa consciência também facilita a continuidade o que, aliado à importância já mencionada dada ao espaço, justifica o facto de, na abertura do texto, existir uma insistência na construção de um mapa da cidade ao leitor, que vai muito além do simples urbanismo: o narrador faz questão de mencionar todos habitantes das casas, numa longa descrição dos fluxos proprietários, fazendo uma conexão do tempo passado ao tempo futuro. Porém, a impossibilidade de uma determinação incontestável da origem de Rosalía reforça, até certo ponto, a ideia comunitária do espaço da ação, na medida em que pode ser representada por

qualquer indivíduo, independentemente dos seus apelidos. Curiosamente transforma-a, em simultâneo, numa origem de si mesma, funcionando como o perfeito centro gravitacional do *club de los picarones*, a partir do qual se poderá dar continuidade ao futuro da nação.

Observando Rosalía, e o seu comportamento na narrativa, parece existir uma certa dualidade. Por exemplo, a mulher é gentil com os restantes indivíduos, independentemente do cargo ou das responsabilidades que ocupam na sociedade, ora levando *picarones* e um jarro de ponche ao coronel Francisco Antonio Pinto quando este sobe à Presidência da República, mas também quando este sai do poder (Rosales, *La negra Rosalía* 25), demonstrando, na aparência, um comportamento desinteressado; ora oferecendo refeições a quem não as pode pagar. Por outro lado, é astuta quando envia presentes às principais famílias da área, para dar a conhecer entre elas as suas especialidades, o que demonstra que sabe operar numa sociedade que se baseia nas relações que estabelece, por forma a levar o seu negócio a bom porto. E, do mesmo modo que bajula esta franja da sociedade, não se preocupa em desafiar a autoridade, se assim for necessário: quando é impedida de entrar no palácio presidencial não acata o impedimento do alferes, que a tenta travar à entrada, conseguindo chegar até ao agora coronel Francisco Antonio Pinto.

Para melhor compreender esta dualidade, altere-se o foco para os pequenos bolos que dão nome ao clube. Como se observa à entrada do palácio, os doces abrem portas, mas não só: democratizam a sociedade:

No ven ustedes? dijo orgullosa la negra, empezando a caminar hacia las habitaciones del general Pinto; mis picarones son los mismos diablos pasados por miel i por eso entran a todas las bocas i pasan por todas las gargantas i se paladean por todas las lenguas i pasan suavísimamente por entrepecho i espalda... (Rosales, *La negra Rosalía* 26).

A fórmula pelo qual este doces são símbolo de uma a sociedade igualitária é inferida pela explicação dada por Rosalía, quando ainda era uma popular vendedora ambulante nas margens do rio, em Lima: em quentes podem “quemar traidoramente” mas comidos mornos “no hai en el mundo nada mas agradable, nada mas dulce, nada mas sabroso que ellos” (Rosales, *La negra Rosalía* 17). Por isso, Rosalía não admite que lhes chamem de simples *buñuelos*, mas sim *picarones*, numa alusão que

remete para a astúcia dos personagens de baixa condição dos romances picarescos, que desta forma obtêm lucros e favores das classes sociais mais abastadas. São, portanto, representativos do comportamento de Rosalía, e da forma como esta se insere na sociedade que, a querer-se democrática, tal como o espaço que os fabrica, requer astúcia, sobretudo por parte das classes mais baixas. Deste modo, os bolos vão integrar, igualmente, o título em absoluta representação das qualidades do espaço.

Por fim, pensada a questão feminina, e como a personalidade de Rosalía se adapta à mensagem narrativa, resta compreender porque terá Rosales optado por fazê-lo através de uma personagem negra. O autor já havia demonstrado em *Los amores del diablo en Alhué* que existe uma consciência da relação entre a cor da pele e as relações sociais que se estabelecem, num capítulo fantástico em que a personagem negra Petronila se transforma numa princesa branca. Agora em *La negra Rosalía*, o autor parece querer estabelecer a relação entre a cor da pele e a origem africana da mulher, o que de certo modo estrutura a ideia de uma origem indeterminada ou difusa, na medida em que pertence a um grupo social forçado à diáspora, logo, aquele a quem mais negado foi o conceito de origem. Acresce que, apesar de pensar o futuro de uma nação, o facto de Rosalía encabeçar a ação torna impossível esquecer os elementos do passado colonial que Rosales tão ousadamente pretende transportar para a sociedade que então se estabelece.

Evidentemente, esta leitura não pode assumir que os elementos a transportar para o futuro da nação sejam os indivíduos deste grupo social. O que Rosales acrescenta é um símbolo literariamente artificiado, aquele que veicula privilegiadamente a ideia de um passado que Rosales tem em consideração, e que se cimenta também no facto de, em termos históricos, estas mulheres obrigadas ao papel escravo, se integraram na sociedade pela via do serviço doméstico, entrando assim nas casas dos seus amos. E, nesse papel, puderam reunir um sem número de conhecimentos e perpetuar as tradições gastronómicas, contribuindo uma identidade própria à sociedade chilena, atuando como verdadeiras mediadoras culturais ou, como afirma Eduardo França Paiva, foram “Mulheres depositárias de experiências e de conhecimentos variados” que “mediavam culturas, heranças, práticas, ensinavam a preservar e a proteger, mas, também, a adaptar e a mudar” (Paiva 303).

À mesa –e este cenário também é ensaiado, com frequência, no texto– também se constroem um sem número de memórias coletivas e unificam-se, por partilha, emoções próprias de cada sociedade. Estes vão ser momentos relevantes para veicularem os elementos, tais como receitas típicas chilenas, que até certo ponto podem ser interpretados como intertextuais, na medida em que, mesmo que sejam considerados parte do artifício literário, se integram como testemunhos recolhidos e ali partilhados com o leitor.

Observando aquilo que José Martí perfeitamente resumiu com a afirmação “La colonia continuó viviendo en la república” (s/p), seria fácil colocar Justo Abel Rosales nesse grupo de indivíduos que, não tendo vivido num sistema colonial, assumiu um saudosismo conservador, esforçando-se por resgatá-lo e outorgá-lo na identidade chilena, que se discutia à época. Contudo, fazê-lo seria precipitado. É irrefutável que existe na sua obra ficcional, como é mais evidente em *Los amores del diablo en Alhué*, retratos de uma sociedade altamente estratificada, organizada por um sistema de castas, que só por acontecimentos extraordinários –uma ordem às avessas– aceita que uma escrava se torne em princesa. E, ainda que num universo fantasioso, é cláusula injuntiva o esclarecimento da cor da pele para aceder a esse título.

Porém, como afirma Bernardita Eltit Concha, não obstante existir alguma ingenuidade no discurso social do autor, existe em paralelo uma sensibilidade à problemática das sociedades altamente hierarquizadas, assim organizadas com base no artifício das origens (34-35). Rosales resolve-se, portanto, na irresolução de um paradoxo: foi percecionado como um indivíduo conservador, porque apegado às tradições e aos costumes, mas trouxe para “a frente do texto” mulheres negras, como personagens cruciais para o desenvolvimento da ação, no caso de Petronila; e até principais, com honra de nome no título, no caso de Rosalía. Para melhor alojar estas propostas, dedicou-se à circunscrição dos espaços de ação, tornando-os alheios à lógica social imperante, como se observou no “club de los picarones”.

É possível inferir vários motivos por que Rosales obrou trocar a predominância do discurso historiográfico pela preeminência do literário: a mudança terá sido estratégica, baseada num sentimento de fraco reconhecimento pelos seus pares; ou, até pode colocar-se em hipótese a mera descoberta de um caminho autoral que Rosales, em determinado

momento, terá considerado mais entusiasmante de trilhar. No entanto, a realidade é que esta subversão ideológica não poderia ter sido construída num contexto absolutamente fiel ao historiográfico. Terá sido, eventualmente, uma conjugação de fatores que, admite-se, serão difíceis de desvendar. Porém, o que se destaca é aquilo que se infere pela observação da sua obra: houve uma vontade de participar intelectualmente na resolução de questões com as quais se debatia a sociedade chilena e a tendência do autor foi a de propor uma identidade base na pluralidade que constava na base da colonial, não transportando necessariamente para o presente, a sua organização social.

#### BIBLIOGRAFÍA

- BRONCANO, FERNANDO. *Sujetos en la niebla: narrativas sobre la identidad*. Barcelona, Herder, 2013.
- CRUZ GARCÍA, ÁLVARO. “La ‘fabricación’ de las identidades nacionales: algunas consideraciones”. *Amnis - Revue d'études des sociétés et cultures contemporaines Europe-Amérique*, N°2, 2002.
- ELTIT CONCHA, BERNARDITA. *Configuraciones de lo colonial chileno: La narrativa de Justo Abel Rosales*. Santiago de Chile, Editorial Universitaria, 2014.
- GRUZINSKI, SERGE. “Passeurs y elites ‘católicas’ en las Cuatro Partes del Mundo - Los inicios ibéricos de la mundialización (1580-1640)”. En Scarlett O’Phelan Godoy y Carmen Salazar-Soler (eds.), *Passeurs, mediadores culturales y agentes de la primeira globalización en el Mundo Ibérico, siglos XVI-XIX*, vol. I., 4, Pontificia Universidad Católica del Perú, Instituto Riva-Agüero, Instituto Francés de Estudios Andinos, 2005, pp. 13-29.
- MARTÍ, JOSÉ. “Nuestra América”. *La Revista Ilustrada de Nueva York*, 30 de enero de 1891. Disponible en: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal27/14Marti.pdf>.
- PAIVA, EDUARDO FRANÇA. “Africanos na America portuguesa, trânsito entre dois mundos e práticas de antiglobalização”. En Scarlett

O'Phelan Godoy y Carmen Salazar-Soler (eds.), *Passeurs, mediadores culturales y agentes de la primeira globalización en el Mundo Ibérico, siglos XVI-XIX*, vol. I., 4, Pontificia Universidad Católica del Perú, Instituto Riva-Agüero, Instituto Francés de Estudios Andinos, 2005, pp. 295-310.

ROSALES, JUSTO ABEL. *La negra Rosalía o el club de los picarones*. La Democracia, 1896. Disponible en: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-84961.html>.

\_\_\_\_\_. *Los amores del diablo em Albué*. 2ª Edição, Garcés y Bartolí y Central Editorial La Prensa, 1892. Disponible en: <http://www.memoriachilena.gob.cl/archivos2/pdfs/MC0051143.pdf>.